

ENCERRAMENTO - UMA NOVA AGENDA PARA O NORDESTE

COMPOSIÇÃO DA MESA

Tasso Ribeiro Jereissati, governador do Estado do Ceará
Gustavo Krause, ministro do Meio Ambiente e Amazônia Legal
Byron Costa de Queiroz, presidente do Banco do Nordeste do Brasil
Paulo Souto, governador do Estado da Bahia
Francisco de Assis Moraes Souza, governador do Estado do Piauí
Garibaldi Alves Filho, governador do Estado do Rio Grande do Norte
Divaldo Suruagy, governador do Estado de Alagoas
Albano Franco, governador do Estado de Sergipe
Valdeck Ornellas, senador pelo Estado da Bahia
Jáder Barbalho, senador pelo Estado do Pará
Beni Veras, senador pelo Estado do Ceará
Lúcio Alcântara, senador pelo Estado do Ceará
Sérgio Machado, senador pelo Estado do Ceará
Élcio Álvares, senador pelo Estado do Espírito Santo, líder do governo no Senado.
Freitas Neto, senador pelo Estado do Piauí
Hugo Napoleão, senador pelo Estado do Piauí
Vilson Kleinubing, senador pelo Estado de Santa Catarina
Valmir Campelo, senador pelo Distrito Federal
José Roberto Arruda, senador pelo Distrito Federal
Benito Gama, deputado federal pelo Estado da Bahia
José Sarney Filho, deputado federal pelo Estado do Maranhão
Luís Carlos Mendonça de Barros, presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Mestre de cerimônia

Esta solenidade consta da mesa redonda "Uma nova agenda para o Nordeste", durante a qual serão discutidos temas ligados à inserção do Nordeste na política nacional de desenvolvimento. Será facultada a palavra aos senhores ministros, governadores, senadores, deputados e demais componentes da mesa, que deverão limitar seus pronunciamentos em até cinco minutos. Solicitamos ao Exmo. Sr. Governador da Bahia, Dr. Paulo Souto, a gentileza de coordenar os debates desta mesa-redonda. Com a palavra o Exmo. Sr. Presidente do Banco do Nordeste, Dr. Byron Costa de Queiroz.

Byron Queiroz

Gostaríamos que as nossas primeiras palavras fossem a expressão do contentamento de todos quantos fazem o Banco do Nordeste do Brasil, pelo êxito alcançado por este Fórum, possibilitado pelo comparecimento e participação de tão expressivas representações políticas, empresariais, governamentais, técnico-científicas, enfim, dos diversos segmentos da sociedade nacional. É, de fato, significativo que tal evento tenha ocorrido em meio às comemorações do 44º aniversário desta Casa, marcada pela coincidência de uma feliz identidade entre os dois momentos: o da criação do Banco, em 1952, e o que ora atravessamos.

Em 1952, com a instalação do Banco do Nordeste, inaugurava-se, no Brasil, um processo de ruptura no tradicional trato da questão regional. Pela primeira vez, as intervenções governamentais nas regiões, até então emergenciais e de cunho meramente assistencialista, cediam lugar a uma atuação planejada, decalcando-se por sobre sólidos conhecimentos da realidade local. E, ao Banco do Nordeste, agência de desenvolvimento então nascente, confiava-se o inovador papel de articulação desse processo. À essa época, por outro lado, criava-se, dentro da mesma atmosfera e concepção, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (hoje BNDES), iniciativa com *status* de prioridade, no Governo Getúlio Vargas, tal qual a criação do BNB, da qual participava, como assessor, do presidente Getúlio Vargas, o Dr. Rômulo de Almeida, que viria a ser o primeiro Presidente do Banco do Nordeste do Brasil.

Hoje, quarenta e quatro anos depois, vivemos novamente tempos de ruptura e transição. O que era novo e moderno, agora é superado e passado. Na verdade, vivemos tempos de paradigmas novos, que aí estão a nos desafiar como indispensáveis requisitos para a sobrevivência das organizações do

novo tempo, sejam elas públicas ou privadas. Por isso, a nossa profissão de fé nas modernas figuras da qualidade, da globalização, da competitividade, da parceria e da agilidade dos fluxos comerciais e financeiros entre mercados. Por isso, a convicção, a inspirar nosso trabalho, de que o desenvolvimento (se o desejamos equilibrado para o nosso País) haverá de pressupor a revisão do planejamento e da avaliação de nossas políticas social e econômica, à luz de seus eventuais impactos por sobre a vida de cada região.

Nesse contexto, vemos que as políticas regionais são desdobramentos específicos da política nacional de desenvolvimento, cuja manifestação mais concreta se revela através dos vários órgãos governamentais. Sob essa ótica, o BNB precisa cada vez mais compenetrar-se do seu papel na execução das políticas governamentais de caráter regional, colocando sua experiência, conhecimento e mobilidade de articulação para posicionar o Nordeste de forma integrada e competitiva como parceiro e colaborador do desenvolvimento nacional, no esforço de inserção internacional do nosso País.

Ao tempo em que fazemos a autocrítica ao trabalho do Banco, nestes 44 anos, constatamos através de um balanço geral de sua atuação uma expressiva contribuição para o desenvolvimento regional.

Através do seu próprio trabalho (por intermédio dos estudos do ETENE e dos diversos fóruns políticos e empresariais), pode-se identificar a existência de dois fatos inquestionáveis, quais sejam: Primeiro, a Região tem elevadas potencialidades nos campos da agricultura irrigada e da fruticultura tropical, da agroindústria, da produção de grãos nos cerrados, do turismo, da mineração, da indústria têxtil e de confecções, e até em setores outros ainda inexplorados como o da tecnologia de ponta e da indústria de audiovisual. Nesses segmentos, ela apresenta vantagens comparativas que a tornam altamente competitiva; segundo, é visível o surgimento de uma nova cultura e visão que elimina o tradicional e equivocado estereótipo de um Nordeste cronicamente carente e sorvedouro dos recursos públicos. Hoje, a Região já apresenta projetos que contribuem para o global desenvolvimento equilibrado nacional, como também atendem aos indispensáveis requisitos da competitividade com sustentabilidade. Isso fruto, ressalte-se, de uma mudança de mentalidade da classe política e empresarial da região, que tem contribuído para a maior eficiência na gestão dos recursos públicos e privados.

Mas existem fatores de natureza macroeconômica que estão a condicionar a capacidade de resposta da Região aos desafios que lhe são colocados. No curto prazo, temos a necessidade de consolidação do processo de estabiliza-

ção da economia e as reformas estruturais (fiscal, patrimonial, administrativa, etc.) que estão sendo votadas no Congresso Nacional. Além disso, é essencial a definição, a nível nacional, de uma política de desenvolvimento equilibrado, onde as ações do Estado sejam orientadas pelos princípios da sustentabilidade (econômica, política, social e ambiental); por uma visão de longo prazo, pela seletividade de investimentos, por mecanismos que possibilitem e apressem a desconcentração industrial e pela parceria em todos os níveis.

Isso requer um novo padrão de intervenção do Estado na economia regional, através da definição de um projeto de desenvolvimento que contemple investimentos em áreas estratégicas, como a complementação da infraestrutura econômica e hídrica, o desenvolvimento tecnológico e gerencial e um arrojado programa de educação, todos de fundamental importância para assegurar o desenvolvimento do Nordeste, bem como sua integração, de forma competitiva, às economias nacional e internacional.

Dentro dessa linha, já podemos identificar na pauta regional vários projetos estruturantes da economia nordestina, como é o caso, para citar alguns, do PRODETUR, projeto de turismo, em execução; da Consolidação dos Pólos Agroindustriais, que estão praticamente paralisados; dos Programas dos Cerrados Nordestinos, que andam muito lentamente à mercê da falta de infraestrutura; dos Programas de Transformação da Zona da Mata, da nova refinaria de petróleo, de uma siderurgia de laminados planos, da inserção do Nordeste na política nacional automobilística, da implantação dos dois complexos minero-industriais já concebidos, da implantação da hidrovía do São Francisco, pela ligação dos Cerrados à Ferrovia Norte-Sul e Transamazônica, da integração das bacias hidrográficas, da implantação dos pólos tecnológicos, da intensificação do Programa de Educação Básica para o Nordeste.

Nesse novo cenário, os desafios se manifestam de forma inédita. Daí, a necessidade de um amplo espectro de parcerias. Por isso, a estreita articulação do Banco com o Congresso Nacional, os Governos Estaduais e os outros órgãos do Governo Federal, particularmente os de desenvolvimento regional, como a SUDENE, e ainda os organismos internacionais, além das lideranças empresariais e comunitárias.

Para vencer tais desafios, o Banco está adotando um comportamento mais proativo para, com ousadia, poder compartilhar das decisões que afetam o intentado equilíbrio espacial do desenvolvimento para nossa Nação.

Merece menção a necessidade de acelerar o andamento do PRODETUR (Programa de Ação para o Desenvolvimento do Turismo no Nordeste), que

vai alocar, em obras de infra-estrutura turística, em todos os estados do Nordeste, recursos da ordem de 800 milhões de dólares, sendo metade oriunda do BID, mediante repasse pelo BNB, e a outra metade referente à contrapartida governamental, que precisa ser urgentemente equacionada, cuja decisão política já está tomada mas o processo caminha lentamente e precisamos apressá-lo. Nesse sentido, estamos mantendo articulação com o BNDES.

Temos dado ênfase à captação crescente de recursos não governamentais, buscados tanto no País quanto no exterior. O Banco está empreendendo maior agressividade nesse mercado. Em abril do corrente ano, captamos 150 milhões de dólares como primeira parcela de um programa de 500 milhões de dólares para 1996 em eurobônus, colocados na Europa, Estados Unidos e Ásia. Esses recursos destinam-se a financiar o funcionamento dos projetos de investimentos financiados pelo BNB. Agora já no início de julho, fizemos uma nova contratação de 125 milhões de dólares, que fica fora daquela tranche de 500 milhões, para financiamento do comércio exterior, através de *commercial papers*. Para esse mister, temos contado com o indispensável apoio da área econômica do Governo Federal.

Em 1995, para se ter uma idéia, o Banco realizou aplicações no total de 900 milhões, dos quais 635 milhões do Fundo Constitucional - FNE. Estão disponibilizados, já com fontes contratadas para 1996, 2.650 milhões de dólares, dos quais apenas 900 milhões do Fundo Constitucional. Significa que é imperiosa a permanência do Fundo Constitucional mas ele tem que ser, acima de tudo, um instrumento de alavancagem de outros recursos do mercado, onde quer que eles estejam, com competitividade. É o que temos buscado, junto tanto à banca privada, como a organismos multilaterais, seja da Europa, da Ásia, dos Estados Unidos, enfim, onde eles estiverem.

A modernização industrial é temática a que emprestamos relevância e prioridade, além do programa que pretendemos conduzir com extremo vigor. Em breve, com o apoio do BID e outras instituições de crédito estrangeiras, estamos abrindo uma linha de financiamento para dotar a indústria nordestina de maior competitividade, nos planos nacional e internacional. Estão previstos recursos da ordem de 600 milhões, já com 300 praticamente contratados no *pipeline* do BID e outros 300 com instituições japonesas.

Também estamos ofertando à sociedade novos produtos e serviços, tais como: fundos de capital de risco, em articulação com as corporações financeiras do BID e do Banco Mundial; projeto de reestruturação de empresas; capacitação gerencial; assessoria aos órgãos públicos (estados, municípios e

outros órgãos) e, finalmente, a criação da figura do Agente de Desenvolvimento. Atuando o Banco em mais de 1.800 municípios e dispondo de 176 agências que estão sendo readaptadas às características desses municípios, não seria exagero supor, pela sua ação, o Banco pudesse ter um representante, pelo menos uma pessoa, em cada um desses 1.800 municípios, articulando-se com as comunidades, com as prefeituras, com as associações, com microempresários, enfim, com todos aqueles agentes produtivos, que são clientes do Banco, em cada um desses municípios. Obviamente não é preciso ter um para cada município, mas teremos um desses agentes para cada três ou quatro municípios. Redirecionando os quadros que estão concentrados na Direção Geral do Banco, que abriga 1.300 dos 5.100 funcionários - número esse que, sem maiores estudos, não precisa ficar em mais de 400, pois se fôssemos estudar seria bem menor -, vamos redistribuir para outras funções e, entre elas, para a de Agente de Desenvolvimento, cerca de 900 funcionários, que estão sendo treinados, focando exatamente nessa nova concepção de ação proativa do Banco.

No desdobramento social das ações financiadoras, o BNB tem obtido resultados concretos na interiorização e integração das micro e pequenas empresas às cadeias produtivas, gerando novas oportunidades sustentáveis de emprego através do Programa de Geração de Emprego e Renda. Apenas para citar um exemplo, o turismo. O Banco participa do financiamento do turismo, seja da infra-estrutura, como é o caso do Prodetur, a que nós nos referimos, seja do financiamento de hotéis de toda a magnitude, do financiamento de pousadas, de restaurantes, de barraca de praia, de carrinho de vender pipoca, de barraca de artesanato, de venda de comida típica, enfim, de tudo que tem a ver com a integração de toda a cadeia turística. E assim acontece em outros setores de atividade. Turismo é aqui apenas um exemplo.

Merece menção, ainda, a participação direta do BNB em programas dos governos estaduais da Região. Exemplos concretos desse trabalho são os financiamentos à produção de grãos no cerrado setentrional dos Estados do Piauí, Maranhão e Bahia; o apoio à diversificação da zona canavieira em Pernambuco; no Ceará, o projeto Capital Inicial para pequenos empreendedores, para intervenções na avicultura e mandioca; na Bahia, as ações na região cacauceira, a revitalização da citricultura, da mamona, do sisal e do fumo; o estímulo à citricultura e rizicultura em Sergipe; no Rio Grande do Norte, a parceria para eletrificação rural, irrigação e caprinocultura; na Paraíba, a recuperação da zona sisaleira; e em Alagoas, a interiorização industrial, através do financiamento de galpões industriais. Além disso, há outras ações em

todos os Estados, como a revitalização da cultura algodoeira e o apoio à viabilização dos projetos de Reforma Agrária.

Dentro da missão de implementar novos instrumentos financeiros que promovam o desenvolvimento regional, o Banco do Nordeste lançou o PRE-VIVER. Trata-se de um fundo multipatrocinado de previdência privada, sem risco atuarial, destinado prioritariamente às empresas nordestinas, colaborando para a sua competitividade, através de uma política de recursos humanos capaz de atrair e manter bons profissionais. Foi um instrumento estudado e amadurecido durante o ano de 1995, criado e já regularizado em todos os órgãos, agora no início de 1996, e que vai servir para resolver tanto os problemas futuros da Caixa de Previdência do Banco - problemas que estão tão falados, de todas as caixas de previdência, no sentido dos famosos déficits estruturais - fazendo uma migração conseqüente para esse novo mecanismo, como também para dar possibilidade às nossas empresas nordestinas de contemplarem, em sua política de recursos humanos, os seus quadros de funcionários.

Tudo isso está suportado por uma mudança organizacional em curso, cujo objetivo principal é tornar o BNB uma empresa moderna, ágil e competitiva, com foco no agente produtivo, que é o nosso cliente, bem articulada a nível internacional, nacional e local e sustentável do ponto de vista empresarial, preparando-se para um novo perfil da agência de desenvolvimento que é esperada para o século XXI.

Temos alcançado resultados concretos quanto à redução de prazos, na melhoria do atendimento aos clientes, quanto à adequação através de uma reorientação da rede de Agências à realidade local de cada área onde ela atua, e um processo forte de informatização e sistemas, reduzindo despesas, e promovendo grande treinamento de pessoal. Para se ter uma idéia, foram ofertadas cerca de 5.000 oportunidades de treinamento para o pessoal do Banco, de junho de 1995 a junho de 1996.

Por fim, considerando a expressividade dos líderes aqui presentes, a quem agradecemos a honra de suas presenças, temos a convicção de que essa adesão ao convite de participar do 44º aniversário do Banco do Nordeste tem muito a ver com a crença de que o Nordeste, como diz o presidente Fernando Henrique, não é problema, é sim um contributo para a solução dos problemas nacionais. A Região tem sido capaz de dar resposta a isso e, acima de tudo, merece, na visão do País como um todo - e aqui registramos com maior agrado a presença de quatro senadores representantes de outros estados fora da

Região, que vieram testemunhar *in loco* o que o Nordeste está fazendo - que se acabe de uma vez por todas com o mito de que o Nordeste é sorvedouro de recursos, que é problema para o País. É preciso ver, acima de tudo, a capacidade que o Nordeste tem de dar respostas e de contribuir para solucionar os problemas do Brasil, se for tratado como deve e merecidamente precisa ser tratado, em função da população que abriga, que é 30% da população nacional, é empreendedora, criativa e acima de tudo com respostas prontas a dar.

Portanto, tenho certeza que, com este encontro, formularemos uma "Nova Agenda para o Nordeste" e que cada uma das Instituições aqui representadas, sejam públicas ou privadas, avocarão para si a responsabilidade de mudar, a partir de agora, com o compromisso pessoal de cada uma das lideranças aqui presentes, saindo da retórica para uma articulação política conseqüente, que gere sempre resultados concretos. Muito Obrigado!

Mestre de cerimônia

Convidamos o Dr. Osmundo Evangelista Rebouças, diretor do Banco do Nordeste, para apresentar as conclusões do II Fórum BNB de Desenvolvimento.

Osmundo Rebouças

A nova agenda que consta do programa é na verdade um resumo que servirá de matéria-prima para os debates dos ilustres membros da mesa e do auditório. Houve três painéis principais, ontem e hoje, neste II Fórum BNB de Desenvolvimento.

O primeiro painel, que tinha o título *Plano de Estabilização e Crescimento do Nordeste*, tocou em alguns pontos muito delicados que são muito importantes para o debate. O primeiro deles é que o Nordeste teve fases de alto crescimento, maior que o crescimento do País, e fases de menor crescimento. De modo que houve período de crescimento, podemos dizer crescimento não sustentável do Nordeste, nestes últimos 44 anos, que o BNB completa hoje. Houve um problema de forças concentradoras, misturadas com políticas de governo e forças de mercado, que foram mais fortes do que as políticas desconcentradoras regionais chamadas. E o resultado é que o Nordeste, na verdade, não avançou expressivamente mais que o resto do País, em termos de desenvolvimento.

Os índices de desenvolvimento humano, calculados pelo IPEA e pela ONU, mostram que o Nordeste continua em níveis muito abaixo do padrão de países pobres, embora tenha apresentado progresso razoável, principalmente de 70 a 88, quando os estados do Nordeste tiveram uma melhoria mais rápida nos índices de desenvolvimento humano do que os outros estados do Brasil. De modo que, apesar de ainda atrasado, o Nordeste está dando uma arrancada para melhorar seus padrões de condição humana.

Um ponto importante tocado aqui é que a globalização implica novos paradigmas que são desafios para o Nordeste. Essa nova orientação para o mercado constitui um risco para a Região mas é uma oportunidade para que ela se saia bem nessa corrida. Esse problema tem sido acompanhado com uma descentralização de decisões a nível institucional da União para estados, para municípios, para entidades privadas.

Podemos citar aqui importante ponto discutido, que foi a questão do risco da reconcentração regional em decorrência da globalização que está acontecendo no mundo de hoje. O Nordeste tinha mão-de-obra barata, não qualificada, mas hoje isso não é mais vantagem para uma região sair do atraso.

Podemos citar também que foi definida como importante a intervenção indutora do Estado para complementação da infra-estrutura econômica e social, do desenvolvimento científico e tecnológico e da educação. E que o Nordeste é uma questão nacional e não uma questão regional, exigindo essa intervenção do setor público diferentemente das regiões mais desenvolvidas.

O segundo painel refere-se à inserção competitiva do Nordeste nos blocos econômicos. Tivemos aqui a importante exposição do embaixador José Botafogo Gonçalves e foram tocados alguns pontos de muita importância. Primeiro: a questão da globalização e integração dos mercados tende a excluir as regiões menos desenvolvidas se nada for feito no sentido contrário. Portanto, abrir para a globalização sem tomar medidas de precaução pode gerar uma reconcentração do desenvolvimento no eixo do Centro-Sul. Tivemos aqui um debate importante que analisou o problema de que o Nordeste precisa encarar a globalização como um risco mas também como uma oportunidade a ser aproveitada. E o ministro Botafogo citou muito bem os aspectos de abertura para o Caribe, para o Atlântico Norte, para a União Européia, que podem trazer para o Nordeste grandes benefícios, se políticas adequadas forem adotadas.

Foi mencionado com muita propriedade, que é preciso identificar na região Nordeste setores e atividades de competitividade dinâmica, exportadora, por exemplo, que permitam ao Nordeste tirar proveito dessa globalização. A infra-estrutura é fundamental. É preciso uma logística de transporte, uma logística de comércio, como os *trading points* e outras instituições, para que o Nordeste se prepare para esse novo desafio.

E tivemos aqui menções importantes: os incentivos para induzir investimentos numa região subdesenvolvida passam por uma luta política, e foi citado o caso do sul dos Estados Unidos, que há 30 anos era uma região atrasada e que, com uma batalha política forte, conseguiu sair do atraso e pode competir no mundo de hoje. Houve vários debates também sobre a prioridade que tem sido dada às políticas regionais no mundo de hoje, com o exemplo da Europa, onde grandes aportes de recursos são transferidos para países atrasados dentro da União Européia, o que não está acontecendo com o Nordeste brasileiro, para que ele se integre ao novo cenário da globalização.

O terceiro painel referiu-se às instituições financeiras de desenvolvimento no século XXI. Foi constatada, de início, a dificuldade de esses bancos de desenvolvimento cumprirem a sua missão por falta de uma definição política, muito clara, de prioridade para sua atuação. Foram mencionados, também, como um entrave, os altíssimos custos do financiamento. A Taxa de Juro de Longo Prazo (TJLP), como instrumento de transição, ainda é um entrave, pois representa custos muito mais altos do que os recursos externos.

Tivemos a análise da situação e do papel do banco público no século XXI. Foi dito que esses bancos públicos vão tender, no século XXI, a provocar uma divisão de trabalho. Eles vão cuidar essencialmente de especializar-se em setores específicos, que não serão atraentes para os bancos privados. Haverá uma mudança de qualidade no papel desses bancos: financiamentos de longo prazo, muito longo prazo, serão papel dos bancos públicos porque os bancos privados não terão interesse nesse tipo de financiamento. É o caso também dos financiamentos à pequena e média empresa, à agropecuária e a outros setores que exigem financiamento de muito longo prazo, como por exemplo o setor habitacional.

Houve nesse último painel também uma menção, mais uma vez, às políticas regionais na União Européia, em particular na Alemanha, que gasta bilhões e bilhões para diminuir as disparidades regionais, de forma a melhor integrar os novos blocos e competir melhor, o que não acontece com o Nordeste brasileiro. Também foi mencionada a questão de articulação do banco

público com a sociedade: os bancos tendem, de agora por diante, a trabalhar muito mais em consonância com o que a sociedade identificar como prioritário para si própria. A sociedade não vai deixar que o banco público dite os projetos e programas; o banco vai esperar que a sociedade acene com o que há de mais importante, para que os projetos sejam bem executados e tenham sucesso. É o caso do Banco Mundial, que está mudando atualmente sua estratégia.

Em suma, a agenda identificou quatro pontos. Primeiro, a mobilização política em torno dos grandes projetos para a Região é essencial, a exemplo de projetos como turismo, agroindústria e outros setores com vantagens competitivas, e é exigida para por em prática e executar esses programas. Segundo ponto: existe também a necessidade de redefinir a política de incentivos de forma que possa atrair novos investimentos em setores estratégicos para a economia regional; terceiro, há uma clara necessidade de maior intervenção governamental na complementação da infra-estrutura, desenvolvimento científico e tecnológico e capital humano. E por último, há necessidade de adequar as taxas de juros para os investimentos de longo prazo. Este é o resumo dos painéis que foram discutidos ontem e hoje. Muito obrigado.

Paulo Souto

Cabe-me conduzir esta parte final com os debates, do qual deverão participar, naturalmente se assim o desejarem, os componentes da mesa. Mas gostaria que este debate fosse iniciado com a intervenção do ministro Gustavo Krause, aqui presente.

Gustavo Krause

Realmente sinto-me tentado, num momento como este, em que se comemora uma quase que longeva existência de uma instituição financeira, a fazer algumas considerações, ainda que rápidas, fugindo um pouco, meu caro presidente do BNB, ao clássico balanço de uma instituição financeira, que V.Exa. fez com tanta maestria. Sou tentado a filosofar um pouco em relação ao que significa o tempo nas pessoas e o tempo nas instituições. Como cidadão, como pessoa, a dramaticidade do tempo resulta no sentimento da finitude, da provisoriedade. Então 44 anos parecem muito tempo. A presença do tempo nas instituições reflete o sentido da permanência. E é essa dualidade que nos angustia muito, porque a finitude confrontada com a permanência nos dá uma dimensão muito pequena. Então, talvez, este fosse o momento ade-

quando para pensarmos nessa questão do tempo, da história deste país, e darmos uma olhada para trás e fixarmos os olhos com relação ao futuro. Se nós olhássemos para trás, e não precisaria ir muito longe, eu diria meio século para trás, iríamos perceber, meu caro governador Jereissati, que este país - eu não estaria exagerando se dissesse - era uma grande fazenda monoexportadora, uma economia muito simples, pouco diversificada. Há 50 anos atrás eu incorreria num erro brutal se dissesse que o Brasil era uma robusta democracia. Também não era. Não incorreria no erro se dissesse que era uma sociedade desigual.

Cinquenta anos depois, nós podemos mudar algumas coisas. Nós podemos dizer que estamos diante de uma robusta democracia. Isso é um avanço notável, do ponto de vista político. Uma democracia cuja construção foi uma construção penosa, foi uma transição lenta; continua sendo uma construção penosa, uma transição lenta. Uma transição de um padrão político, e eu diria até de um padrão social, profundamente autoritário para um novo padrão, que se assenta num nome simples, muito referido: na cidadania, na disseminação da cidadania. Então eu não cometeria um erro, nesse posto de observação, vendo o tempo no seu sentido de permanência, no topo das instituições, se dissesse que o país avançou de forma considerável do ponto de vista político, tem hoje uma robusta democracia e é o segundo colégio eleitoral do mundo. Se dissesse que a economia também é robusta, forte, também não estaria errado; numericamente, quantitativamente, errando também não estaria. Vou fazer uma breve incursão nesse terreno, com a vênica do Presidente do BNDES, craque de economia nessa mesa, para dizer que é uma economia robusta mas que carece de desejável eficiência. E uma eficiência que hoje tem nomes diferentes dos nomes do passado. Uma eficiência que tem nome de concorrência, produtividade, competitividade. São novos mecanismos de aferição do conceito de eficiência, trazidos por este fenômeno que foi falado aqui, da globalização, que pode ser bom, ou pode ser ruim, e que, nesse momento de renascimento e de aventura, não sei como é que ele vai acontecer. Não estaria equivocado se dissesse que é uma economia robusta. Se dissesse uma economia eficiente, não sei ainda. Tenho minhas dúvidas se esses conceitos estão devidamente incorporados à nossa prática econômica; sei que estão se incorporando. Então liberdade política e eficiência econômica, sendo liberdade política uma coisa mais consolidada e a eficiência econômica uma coisa em construção, um objetivo, um instrumental mais distante.

E finalmente, se eu dissesse que é uma sociedade profundamente desigual estaria somente ratificando tudo aquilo que nós já sabemos. Portanto, no momento em que temos que olhar para o futuro, fazendo uma avaliação desa-

linhavada como essa, penso que existem dois grandes desafios que se põem diante de nós. É bem verdade que a engenharia econômica foi capaz de responder aos desafios da produção, foi capaz de responder às profecias da penúria, mas nós - o país e a própria humanidade, hoje, pelo que se vê nos relatórios das instituições internacionais - temos dois grandes parceiros: um é o lixo social, o outro é o lixo ambiental.

Eu fiquei muito satisfeito quando o Presidente do BNB falou na dimensão sustentável do desenvolvimento, fazendo a inserção da questão ambiental. Essas duas respostas que nós temos que dar não são uma questão apenas de engenharia de produção. São questões de engenharia política. A engenharia política é que vai determinar uma virada na esquina civilizatória. A sensação que eu tenho, quero dizer aos senhores, é de que nós chegamos a uma esquina civilizatória, onde temos que sair de uma rota de colisão, com a questão ambiental, e de outra rota de colisão que é a produção em massa do número de pobres na humanidade. O Brasil, o Nordeste especialmente, revela todo esse drama que, no meu entender, não é apenas um drama nacional, mas um drama que toda a humanidade tem que responder.

Então, quando eu vejo uma instituição como o BNB, que acumulou conhecimentos e uma cultura desenvolvimentista, faço votos, e tenho certeza, de que estes desafios serão incorporados, como o foram, à agenda deste banco. Por isso, ao olhar para o futuro com o sentido de permanência, eu tenho a convicção de que essas coisas estarão incorporadas.

Para concluir, eu gostaria de dizer, falando como membro do Governo Federal, que este país está no caminho certo. Alguns pressupostos estão sendo construídos para que essas respostas possam ser dadas, como por exemplo o pressuposto da estabilidade. Não me consta que no painel dos países que compõem a humanidade, haja um país que tenha futuro com déficit democrático ou com uma inflação em patamares indecentes: como também um país que tenha indicadores de distribuição de renda como os que nós temos. Portanto, eu encaro o rumo brasileiro, com a construção do pressuposto da estabilidade, que não é um fim em si, e com a consolidação do espaço democrático, como certo para responder a essas duas questões: a questão ambiental e a questão social, que são dimensões indissolúveis daquilo que nós chamamos um desenvolvimento sustentável. Eu encerro as minhas palavras cumprimentando a todos e ao Presidente do BNB, renovando a minha convicção de que, como foi um vetor durante esse 44 anos, uma mola de propulsão num processo de desenvolvimento que nos leva a afirmar que esse país cresceu, que essa região avançou, eu renovo as minhas convicções, repito, de que o Banco do

Nordeste, com o seu sentido de permanência, com seus olhos voltados para o futuro, poderá perfeitamente responder aos desafios da transição do século. Muito obrigado.

Paulo Souto

A palavra está facultada, inicialmente, a todos os componentes da mesa, para que possam externar sua opinião, principalmente em relação às conclusões do Fórum que aqui foram apresentadas. Por favor, o presidente do BNDES.

Mendonça de Barros

Gostaria, primeiramente, de ler uma carta enviada pelo ministro Antônio Kandir, que infelizmente não pôde estar conosco hoje:

“Prezados governadores, senadores, deputados, demais autoridades presentes.

Lamento não poder estar presente na comemoração dos 44 anos do Banco do Nordeste. A comemoração se justifica plenamente. Com a presença ativa em cada um dos estados da região, o Banco tem desempenhado com sucesso o papel de principal agência federal de desenvolvimento no Nordeste, haja vista ser responsável por mais de 40% do total de financiamentos da Região, incluindo o extremo norte de Minas Gerais. O percentual é dos mais expressivos, não resta dúvida. Mais importante, entretanto, são as características dos financiamentos do Banco do Nordeste. São financiamentos que produzem efeitos dinâmicos decisivos sobre a economia nordestina, com impacto social dos mais relevantes.

Lembro os quase um milhão de empregos gerados entre 1990 e 1995, lembro a importância do Banco na consolidação dos complexos industriais, protagonista da transformação estrutural da economia nordestina nos últimos anos. Lembro a importância do Banco no financiamento de projetos de irrigação, decisivos para o desenvolvimento do semi-árido, que deixou de ser problema crônico para ser um imã de investimentos

e um vetor de integração do Brasil na economia mundial. Lembro a importância do crédito rural, voltado a médios e pequenos produtores, apoio fundamental para viabilizar culturas básicas de alimentos e minimizar os desassentamentos das populações rurais. Lembro ainda os financiamentos para os projetos de tecnologia e capacitação gerencial, indispensáveis para produzir ganhos de produtividade e competitividade.

*Para desempenhar esse papel protagonista, o Banco dispõe de experiência, tradição, capacidade técnica e instrumentos. Conta com aportes anuais do Fundo Constitucional da ordem de 900 milhões. Conta também com linhas de repasse de recursos do BNDES e do FAT em montantes muito expressivos na composição de seu *funding*. Graças ao fluxo regular dos recursos vem-se tornando captador importante de recursos externos, seja através da emissão de papéis privados, seja através da contratação de empréstimos junto a organismos multilaterais de crédito.*

Queremos fortalecer ainda mais esses instrumentos. Queremos e vamos fazê-lo. Prova disso é a decisão que anuncio a todos agora, decisão tomada no âmbito do Ministério do Planejamento, tendo apoio firme do presidente Fernando Henrique Cardoso, de capitalizar o Banco do Nordeste com aporte de 100 milhões de reais, recursos estes provenientes do Fundo Nacional de Desenvolvimento. Vale registrar que os 100 milhões aportados equivalem a 25% do patrimônio líquido atual do Banco e a 20% do fluxo de recursos do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste. Esses 100 milhões permitirão ao Banco alavancar novas fontes de recursos ou incrementar ainda mais as já existentes; permitirão assim viabilizar investimentos decisivos para melhorar a infra-estrutura econômica e social da Região e sua inserção competitiva na economia mundial.

Ao tomar esta decisão estamos cumprindo um compromisso do Governo com a capitalização do Banco. Acresce que em valor duas vezes superior ao valor inicialmente previsto. São 100 milhões, senhores, que resultarão, tenho absoluta certeza, em benefício de toda a região Nordeste e do Brasil, como tem sido a norma nesses 44 anos de vida do Banco. Muito obrigado. Antônio Kandir."

Eu gostaria de complementar as palavras do ministro, falando agora em nome do BNDES. Meu caro Byron, apesar do pouco tempo de atividades conjuntas, acredito que eu e você já tenhamos chegado a uma forma de trabalho que nos permite olhar para o futuro com um pouco mais de otimismo, principalmente em relação ao banco que eu presido. Evidente que é uma meta do ministro Kandir, com a orientação do Presidente da República, transformar o BNDES num banco sempre com seu N de nacional representativo, isto é, um banco que cubra efetivamente todo o nosso imenso país. Isso, até agora, não é verdade - os números estão aí muito claros -, mas a nossa tarefa conjunta será de reverter esse quadro. Evidentemente que não poderemos ser cobrados no curto prazo, porque essa mudança tomará algum tempo, mas já temos alguns pontos comuns de convergência. O Prodetur, como você citou, nos mostra como temos que trabalhar ainda com mais cuidado na integração dos dois bancos - o BNB é o agente do BNDES aqui na Região, nós não temos condições de trabalhar diretamente - e, da nossa parte, há toda a disposição para que tenhamos condições de, talvez nos próximos anos, desenvolver na nossa relação operacional um paradigma diferente que represente efetivamente uma integração operacional eficiente entre o BNDES e o BNB. Eu só tenho palavras de elogio ao Banco e entendo que a decisão tomada pelo ministro Kandir, em relação ao aporte dos 100 milhões - posso dizer, sem estar reclamando, pois, desses 100, 50 eram meus e nós abrimos mão - foi absolutamente correta, porque somente fortalecendo a atuação do BNB na região Nordeste é que o BNDES pode levar adiante essa orientação de se transformar efetivamente num banco nacional. Muito obrigado.

Paulo Souto

Muito bem, continuo consultando os componentes da mesa, no desejo de uma intervenção. Deputado Benito Gama.

Benito Gama

Como nordestino, é com muita honra que participo hoje de um Fórum como esse do Banco do Nordeste, cuja avaliação final diz que a globalização implica novos paradigmas de trabalho para a Região.

Na última reunião que tivemos aqui, senhor Presidente do BNDES, há um ano, fui eu quem falou que o BNDES era o recreio dos bandeirantes. Hoje, quero dizer a V.Sa. e à diretoria do Banco que, nesse governo, realmente o

BNDES não é mais o recreio dos bandeirantes e, evidentemente, naquela época eu fiz como crítica e hoje me sinto no dever de dizer que V.Sa. e o governo mudaram esse eixo e o BNDES é hoje um banco nacional. Eu sinto isso porque na região - com os bancos oficiais e com a iniciativa privada - o Banco, na sua gestão, tem realmente alavancado muito a nossa economia.

Quero dar um depoimento! O Banco do Nordeste realmente deslocou o eixo da discussão político-econômica do Nordeste do Brasil. Nos últimos 5 ou 6 anos o Banco do Nordeste tem demonstrado uma capacidade fantástica de coordenação de grandes projetos, e sobretudo, meu caro presidente, de projetos políticos da Região. Sem dúvida alguma com esse eixo deslocado para o Banco temos tido frutos muito positivos nessa região.

Mas, ao mudar o eixo, o BNB modernizou-se e isso precisa ser feito, inclusive, em outros órgãos federais da Região. Da mesma forma como o BNB está repensando e se enquadrando nessa modernidade econômica, política e social, alguns órgãos federais na Região precisam, igualmente, ser repensados e atualizados.

Como na época eu fiz crítica ao BNDES e ele mudou, eu me arriscaria agora também a fazer uma colocação com relação à Sudene, ao DNOCS e aos outros órgãos federais da Região. Penso que nós, políticos, temos que trabalhar na direção de repensar a nossa região, que só quer oportunidade, como deixou claro o relator do Fórum, o ex-deputado Osmundo Rebouças. A região quer oportunidade, repito, quer produtividade, quer competitividade, não quer escritórios de doação de dinheiro público, como deixou bem claro o ministro Gustavo Krause. Então, é preciso dar oportunidade ao Nordeste.

Hoje, o BNB, através do FNE, fundo criado na Constituinte, em 1988 - e aqui vejo presentes alguns senadores e deputados federais, companheiros daquela luta que empreendemos para conseguir esse fundo -, é uma grande referência para a Região. Arriscaria dizer que o FNE, nos últimos cinco anos, foi o maior projeto econômico-financeiro, o maior programa para o fortalecimento da região Nordeste. Sem dúvida alguma, se os dados não me falham, eu diria que o FNE, desde a sua criação, já tem cerca de 600 mil contratos, que não são doação de dinheiro, são contrato que têm retorno, taxas de juros, alocados e bem estudados. Parece-me que a Sudene não tem dois mil contratos ao longo de sua existência. Não quero fazer crítica à Sudene, até porque ela tem uma bela história na Região, e precisa ser respeitada pelo seu passado e pelo presente. Mas precisa ser repensada, como o mundo todo está sendo repensado. Então eu faço um apelo aos políticos, para que continuemos nessa

luta, porque o que nós estamos precisando é de união política, acima dos partidos, para realmente colocar e inserir o Nordeste no contexto econômico e social do Brasil. Nós enfrentamos uma série de crises e por isso temos que lutar muito. Hoje nós estamos entre o MERCOSUL, que é nacional, mas está beneficiando primeiramente o Sul do País e a Zona Franca de Manaus. Portanto, o Nordeste está entre dois grandes programas nacionais da maior importância e precisamos ter criatividade para buscar oportunidades de geração de emprego e renda para os nossos companheiros da região.

Quero concluir dizendo que, ao se falar em salvar o Nordeste ou ajudá-lo, sempre se ouvia muito - felizmente acabou - que se precisava criar um Ministério para a Região. Eu sempre fui contra isso e agora estou mais convencido ainda de que é um erro a criação de um ministério para o Nordeste. O que nós temos que fazer é buscar, em todos os ministérios nacionais, inclusive no BNDES, dentro de suas funções específicas - numa luta diária dos políticos nordestinos de todos os partidos -, recursos que beneficiem a região, destinados a pequenos, médios e sobretudo grandes projetos - porque nós precisamos também de grandes projetos -, na agroindústria, indústria automobilística, indústria eletroeletrônica. Enfim, o Nordeste precisa também de grandes projetos e esse é um desafio nosso: dos governadores, dos deputados, senadores, políticos, dos líderes da Região. Com essas palavras, quero congratular-me com o Banco do Nordeste e com seus funcionários pelo trabalho que vêm prestando à região e ao nosso país. Muito obrigado.

Hugo Napoleão

Agradeço a delegação que me foi oferecida pelos senadores aqui presentes, para fazer uma saudação em nome de todos, eu que venho do meu sofrido e querido Piauí. Em primeiro lugar, saúdo o Estado do Ceará, uma fonte permanente de inspiração, pelo trabalho, pela literatura, pelas iniciativas que toma, pelo sentido de integração com o Nordeste e com o Brasil, integração essa tão bem definida pelo ministro Gustavo Krause, integração daqueles que se dão, que se oferecem, no sofrimento, na dificuldade, para fazer com que o nosso país possa ser efetivamente um país onde haja melhores e maiores oportunidades.

Há pouco me dizia o senador José Roberto Arruda, do Distrito Federal, do PSDB, que nós viramos uma página da história. Já o fizemos em 1984, com a redemocratização, e, agora, o país exercita sua democracia e precisa transmitir suas energias, que podiam somar-se nesta mesa, e efetivamente trazer uma

definição mais precisa para o Nordeste brasileiro. Vendo ao meu lado o sempre muito estimado amigo Dr. Valfrido Salmito, que era o superintendente da Sudene quando fui governador, lembro-me que, quando fui advogado do ex-presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, ao lado do Sobral Pinto, de Evaristo de Moraes Filho, de Cândido de Oliveira Neto, num dos momentos mais difíceis de sua vida, perante a comissão geral de investigações, enfrentando aqueles momentos extremamente duros e difíceis, um dia, eu o vi conversando com o Dr. José Cândido Pessoa, ex-diretor do DNOCS, sobre suas preocupações e as causas que o levaram a criar a Sudene.

E essa lembrança fez com que, mais uma vez, nós nos déssemos conta do passado, como nos damos conta hoje, dessa iniciativa feliz de comemoração dos 44 anos do Banco do Nordeste do Brasil. Hoje, conheci de perto a remodelação e a revitalização do Banco: vi a sua Diretoria trabalhando de maneira sincronizada, com todos os diretores numa sala comum, discutindo e trocando idéias sobre o Nordeste e o Brasil. Isso me impressionou de uma maneira profunda, porque a modernização do Banco e das suas agências, à qual fez referência o presidente do Banco, está atendendo a contento e vai atender ainda mais o Nordeste. Esse Nordeste que tem 30% da população brasileira e 13% do PIB, mas só recebe 8,6% dos investimentos federais. Os números estão em desacordo e algo precisa ser feito, porque o Nordeste é credor do Brasil. O nordestino, como disse Euclides da Cunha, é um forte antes de mais nada, e fortes haveremos todos nós de continuar a ser, pela redenção da Região, que tem os potenciais os mais variados e que vai, sem dúvida alguma, com as inteligências de escol aqui presentes, receber o benefício que é a virada da página da sua história. Muito obrigado.

Élcio Álvares

Refleti, durante todas as falas, sobre o que deveria dizer no encerramento deste II Fórum. Ouvimos aqui um discurso bastante expressivo e eloquente, na sua objetividade, a respeito do BNB, feito pelo presidente Byron Queiroz. Penso que seria desnecessário me alongar em razões de ordem econômica, pois este Banco representa em toda a sua expressividade a economia do próprio Nordeste. Ficarei em outro patamar, o do sentimento, que é muito comum na minha terra capixaba, onde sempre recebemos todos de braços abertos. Hoje Fortaleza, excluindo minha pessoa, tem o privilégio da presença magnífica das autoridades e dos senhores senadores do Ceará, do Piauí, do Distrito Federal, de Santa Catarina, da Bahia, do Pará, e do Rio Grande do Norte - quórum mais que suficiente para abrir uma sessão do Senado, numa

demonstração que nos unimos, todos do Senado da República, para prestar uma grande homenagem ao Nordeste e de maneira muito especial ao BNB. Queria colocar esse lado humano e prestar um depoimento que é do meu dever.

Tivemos hoje uma lição de brasilidade, uma lição de confiança no Brasil, um painel de esperança que nos tocou a todos. O presidente Byron Queiroz, seus diretores e auxiliares mais diretos deram a nós, senadores da República, uma demonstração evidente de que o Banco do Nordeste do Brasil não é um banco apenas adstrito a uma região brasileira; é um exemplo de trabalho sério, de confiança nos destinos de nosso País, um exemplo de modernidade e eu diria que, na antevisão dos projetos que foram colocados, está sendo construída uma das maiores usinas de inteligência do País. Os dirigentes do BNB são motivo de orgulho para nós, brasileiros - aqui não distingo o Nordeste, o Espírito Santo ou qualquer outro estado. Sou brasileiro com orgulho, porque sinto que nesta terra nordestina temos pessoas qualificadas para exercer qualquer função a nível da república, na área ministerial ou equivalente. Isso deve servir de orgulho para todos os nordestinos.

Como o Ceará é o estado que nos recebe, eu rogaria aos demais governadores que me permitissem homenagear o Ceará como homenagem maior ao Nordeste. Sem conhecê-lo pessoalmente, sempre tive pelo governador Tasso Jereissati admiração e profundo respeito. Esse jovem governador lançou sobre nós, políticos, uma luz que mostra claramente a função do político no desenvolvimento de seu povo, de sua região. Tasso Jereissati, reconduzido à direção de seu estado, representa um modelo exemplar para aqueles que acreditam na política como instrumento valioso para o desenvolvimento social e econômico. Tenho muito orgulho de dizer que o governador Tasso Jereissati deve ser paradigma para as ações do Governo, pela sua honestidade, pela sua capacidade e sobretudo por seu amor ao Ceará. Governador Tasso Jereissati receba minha homenagem, que é também de todos os meus colegas, não tenho dúvida alguma. A sua figura representa na verdade o político que tem a visão de todos os problemas que são pertinentes às vocações da sua terra.

O Nordeste, para mim, é um exercício também de amor ao Brasil. Dos governadores que estão aqui, três conviveram conosco no dia-a-dia durante quatro longos anos: Albano Franco, Divaldo Suruagy e Garibaldi Alves. Por saber da luta de Divaldo, eu acredito que todos os governadores estão de acordo, eu o elejo para receber o abraço dos senadores aos governadores do Nordeste.

O Banco do Nordeste do Brasil é um exemplo de trabalho, de luta, de administração. Nesses 44 anos, ele fez muito em favor da região nordestina. Não vamos falar que o Nordeste está em estado permanente de clemência, pedindo coisas. Vamos ter a mesma convicção que tive quando fui ministro de estado: o Nordeste tem uma potencialidade extraordinária, que demorou um pouco a ser descoberta. Hoje tive oportunidade de ver, no Banco, uma projeção sobre turismo, e constato que o apoio do Prodetur ao desenvolvimento do turismo do Nordeste brasileiro é uma coisa muito importante, o caminho fundamental.'

Meus amigos, nesse momento, interpretando o pensamento dos senadores de outras regiões aqui presentes, quero dizer a vocês o seguinte: independente da alegria dos 44 anos do BNB, nós estamos assumindo um compromisso solene com o Nordeste. Vamos acompanhar as propostas em favor da Região. A bancada de nordestinos vai ser acrescida exatamente desses senadores que estão aqui e eu tenho certeza de que nenhum deles deixará de comparecer na votação das matérias importantes para o Nordeste. Pelo debate de hoje, na reunião que antecedeu esta, vi que está se formando uma consciência em torno de uma unidade que eu considero fundamental em favor da terra nordestina.

Meus cumprimentos ao presidente Byron Queiroz. Saí impressionado com a exposição feita pelos seus auxiliares e principalmente por ele. Aqui no BNB, há uma característica que considero muito importante: tudo é feito com ideal, com muita convicção da missão que está sendo cumprida. Aqui cada um tem uma vontade latente de construir e isso é fundamental. Não adianta ter uma diretoria que não viva com intensidade o Banco. Aqui isso é feito até com muito excesso e esse excesso é altamente construtivo. Parabéns ao Banco do Nordeste do Brasil, parabéns a Byron Queiroz e a toda a sua equipe. Manifestamos nesse momento, aos governadores do Nordeste, a certeza que estaremos solidários na luta para colocar cada vez mais o Nordeste como instrumento útil para o desenvolvimento econômico do País. Muito obrigado.

Paulo Souto

Com a palavra o governador Garibaldi Alves

Quero congratular-me com o Banco do Nordeste do Brasil pelos 44 anos de existência e dizer que, se foram fecundos os 42 anos de existência do Banco do Nordeste, nos últimos dois anos essa fecundidade aumentou. O Banco tem-se mostrado muito presente na Região e atuante junto aos setores produtivos. Gostaria de dar um depoimento muito rápido sobre o que aconteceu no meu estado: tivemos oportunidade de juntar numa mesma mesa os setores produtivos do Estado, o BNDES, o Banco do Nordeste do Brasil e o Banco do Brasil, e lá foi lançado um desafio: que as instituições bancárias pudessem financiar no nosso estado 100 milhões de reais, para a agricultura, o comércio, a indústria, num espaço de 60 dias, se eu não me engano. Em 60 dias nós atingimos essa meta e o Banco do Nordeste foi quem liderou os financiamentos. É verdade que o BNB é o agente repassador de recursos do BNDES, mas o Banco tem tido a sensibilidade de estar perto de cada governador e dos setores produtivos. O presidente Byron Queiroz e seus diretores não estão apenas na sala, onde se reúnem e trabalham agora conjuntamente. Eles estão presentes na vida de cada estado, procurando fazer com que as nossas empresas adquiram esse perfil que a globalização exige, o perfil da modernidade, o perfil da competitividade, o perfil da concorrência. Então eu só tenho palavras de congratulações ao Banco do Nordeste do Brasil e ao BNDES, por estar por trás disso. Como já foi salientado aqui, o BNDES não pode mais ser chamado de “recreio dos bandeirantes”, até porque o Nordeste tem exigido dele uma outra postura à qual ele tem correspondido.

Falou-se aqui no setor público, na capacidade de indução e de ampliação de infra-estrutura que ele precisa ter. Entretanto, meus senhores, não estão cuidando de dar-lhe esse papel, no Nordeste, pelo menos a nível dos governos estaduais. Estão confundindo muitas vezes os estados do Nordeste com a crise que eles atravessam, com a crise fiscal do País. Os recursos inflacionários não existem mais e em cima disso colocou-se a rolagem da dívida que chega a pesar no mínimo 11%, no caso dos estados do Nordeste. E este desafio é muito grande. Como é que nós vamos financiar? Como é que nós vamos assumir o Prodetur? O projeto anda lento por isso. Como é que nós vamos ter capacidade de pagamento perante os organismos internacionais? Como é que nós vamos então nos constituir no grande parceiro e no indutor do desenvolvimento do Nordeste, se essa situação continuar? Não, meus senhores! Não se trata de pedir, de apelar por um tratamento privilegiado para os estados do Nordeste. Trata-se, sim, de olhar para os governos dos estados, olhar para o esforço que está sendo feito em cada estado no sentido de se eliminar todas as

gorduras, todo o inchaço que existia na máquina governamental. Olhar para a frente, olhar para o futuro, e não apenas os estados do Nordeste pelo passado.

Muitas vezes a análise de capacidade de pagamento dos estados - não é o caso das instituições financeiras aqui presentes - se faz da seguinte maneira: é dado um peso igual aos últimos 4 anos. Desta forma, um governo que ainda não completou 2 anos e está procurando se modernizar, adquirir capacidade de pagamento é apenado. E é bom que se diga - não tem por que esconder! quem está fazendo isso e não deve ser obra sua, apenas, inspiração sua, é a Caixa Econômica Federal. E por conta disso poucos estados estão com capacidade de financiar e de ser agente promotor de financiamento da Caixa Econômica. Não estou me aproveitando, aqui, da ausência da Caixa Econômica; se estivesse presente eu diria a mesma coisa. E não estou querendo jogar flores ao Banco do Nordeste e ao BNDES não. É que estes bancos resolveram realmente mudar de atitude. Entretanto, é preciso que essa mudança ocorra não apenas em face do setor privado, mas também do setor público, senão o nosso desenvolvimento não será harmônico.

Por último, eu queria dizer que se faz necessária a aprovação da reforma administrativa - faço um apelo aos nossos representantes na bancada federal. Além disso, é necessário que cerremos fileiras em torno do ministro Gustavo Krause para que não se paralise as obras hídricas do Nordeste. Nós estamos colaborando com o esforço de estabilização do Governo Federal, ao lado do presidente Fernando Henrique Cardoso, e Sua Exa. assegurou que estas obras não sofreriam solução de continuidade. O ministro Gustavo Krause é um daqueles que está defendendo essa bandeira.

Finalmente, é preciso fazer justiça ao Banco do Nordeste, que tem procurado se atualizar, está mais presente e mais dinâmico. Quero dizer, em nome dos outros governadores, que, assim como nós estamos fazendo justiça hoje ao Banco do Nordeste e ao BNDES, nós queremos que se faça justiça a um esforço que está sendo feito pelos governadores da Região para corresponder aos desafios que nós estamos vivendo. Muito obrigado.

Paulo Souto

Com a palavra o governador do Piauí, Francisco de Assis Moraes Sousa.

Moraes Sousa

Todo começo são flores e aprendi com Cícero, o orador maior: nunca fale depois de um grande orador. E vou falar depois de grandes oradores, movido pela força da gratidão ao Banco do Nordeste. Primeiro, como cidadão: ainda me lembro da chegada do primeiro gerente do Banco do Nordeste em Parnaíba e, desde criança, acompanho a admiração que a sociedade tem ao bancário do Banco do Nordeste, por seu papel sobretudo educativo.

Mas o Banco do Nordeste não é só uma bela história do passado, de seus funcionários. É a história de hoje. Há cerca de um mês, em Teresina, afirmei num conclave que o Banco do Nordeste era, sem dúvida alguma, o mais eficiente e melhor banco do estado do Piauí. E eu quis expressar essa gratidão aqui. Venho, em nome de dois milhões e setecentos mil piauienses, agradecer a capacidade de trabalho e a distinção de Byron Queiroz, que esteve conosco, pessoalmente ou representado por seus assessores, nos mais longínquos recantos do Piauí, nas exposições agropecuárias todas. O resultado é que nós temos projetos, como o Prorenda e o Proger, em que são quase 10 mil contratos, e nunca o Banco do Nordeste falhou.

Agradecemos muito a sensibilidade de Byron Queiroz, porque entendemos que o governo não é uma agência distribuidora de emprego, ele tem que ser indutor. E os empregos que nós temos proporcionado no Piauí têm sido através desses programas - do Prorenda e do Proger - cujos parceiros são o Banco do Nordeste e o Sebrae. Assim, em nome da grandeza de luta e dignidade do povo do meu estado, peço que os aplausos de todos os piauienses, representados por mim, se somem aos aplausos de vocês em homenagem ao Banco do Nordeste.

Paulo Souto

Antes de passar a palavra ao Governador Tasso Jereissati, que fará o encerramento desta sessão, gostaria de usar três ou quatro minutos para algumas considerações, sobretudo com referência às conclusões que foram aqui apresentadas pelo Dr. Osmundo Rebouças. Inegavelmente nós todos sabemos que mudaram os padrões de desenvolvimento e o Nordeste talvez não estivesse, na época dessa mudança, preparado para essa nova fase. O fato inegável é que o Nordeste, que durante tanto tempo conseguiu crescer mais que o Brasil e, ainda que pouco, diminuir aqueles desníveis, nos últimos anos começou novamente a descolar um pouco desse crescimento, iniciando uma trajetória

que, temos de nos convencer, é extremamente perigosa: o afastamento dos níveis de crescimento em relação à média brasileira. Nós temos que entender que esse fato é de extrema gravidade e precisamos nos convencer disso, pois está acontecendo em vários níveis, uma vez que nós fomos vítimas, talvez, da conjunção de dois fatores.

O que está acontecendo no Brasil, que é extremamente salutar - a abertura, a globalização, a competição etc, num país de desníveis tão grandes - coincide com o momento em que o poder central, envolvido numa séria crise fiscal, não pode exercer o seu poder de moderador dessas diferenças de desenvolvimento entre as regiões. Eu não sei se não pode - acredito que na maioria das vezes não pode - ou algumas vezes até, como em dados que foram apresentados esta semana pelo senador Valdeck Ornellas, não tem sabido utilizar os recursos disponíveis para amenizar essas disparidades.

A realidade é que nós estamos vivendo um momento difícil na economia nordestina. Os nossos novos padrões de desenvolvimento têm impedido, apesar do grande esforço que se tem feito, que o Nordeste continuasse a crescer da forma como vinha crescendo. Estão aqui os governadores, que têm se esforçado duplamente no sentido de disciplinar as suas finanças internas e captar investimentos. É um esforço hercúleo e o que se consegue é com muita dificuldade, abrindo mão até de receitas futuras, pois todos estamos sabendo, somos testemunhas disso, como tem sido difícil nos últimos anos atrair investimentos novos para a nossa região.

De modo que, se hoje nós vivemos momentos difíceis - precisamos imaginar e tenho que falar com todo o realismo - se a situação continuar como está, do ponto de vista da dificuldade que estamos tendo de atrair novos investimentos para a Região e se não mudarmos isso, o futuro será ainda mais difícil, porque as dificuldades de hoje vão se projetar nele. Não há nada de pessimismo ou de aterrorizante nisso. É a constatação de uma realidade.

Está-se fazendo um grande esforço de disciplina dos recursos públicos na Região. Todos os governadores aqui estão empenhados em conseguir o equilíbrio de suas finanças. Mas isso apenas não basta, se nós não tivermos êxito na atração desses investimentos novos, tanto públicos como privados. Quanto aos investimentos privados, já me referi a estas dificuldades, consegue-se alguma coisa. Eu vejo, por exemplo, um grande esforço de alguns Estados nordestinos, atraindo indústrias do tipo têxtil ou de calçados, e trazendo-as para a Região com muito sacrifício.

O Brasil está, nesse momento, atravessando um patamar novo de industrialização, conseguindo atrair novas indústrias do setor automobilístico, e nós, por razões que até compreendemos, mas por falta de uma política industrial mais apropriada, não temos tido sucesso para atrair algumas dessas indústrias para a Região. Eu não diria que o Governo tem sido insensível, uma vez que o presidente Fernando Henrique, em várias ocasiões, tem-se empenhado no sentido de procurar uma política mais adequada para atrair investimentos. Mas, na verdade têm faltado instrumentos importantes que possibilitem um melhor nivelamento de forma a atraí-los para a Região. Esta é uma constatação. Na Bahia, eu diria que, até por termos um pólo industrial moderno, estamos conseguindo certos investimentos, mas muito aquém do que seria desejável.

Os governadores têm buscado esses investimentos e quase todos estão abrindo mão de receitas futuras, na busca de um emprego, que é a coisa mais importante que nós temos para a Região. Mas é preciso, sem dúvida nenhuma, uma atitude mais proativa do Governo em relação a esse esforço. O deputado Benito Gama falou aqui e já discutimos muito sobre isso: nós estamos numa situação entre a racionalidade do mercado do MERCOSUL e essa parafernália de incentivos da Zona Franca. Eu sinto, por exemplo, que nós teríamos algumas oportunidades na indústria eletroeletrônica se sua expansão pudesse ser feita um pouco na região Nordeste. Mas não conseguimos isso, pelo fato de não termos as condições de incentivos que dispõe o Norte. Não se trata de buscar uma competição entre duas regiões que são pobres, mas, não há dúvida, que nós estamos numa encruzilhada difícil. As grandes indústrias, as automotivas e muitas outras, situam-se efetivamente no eixo Buenos Aires - Minas Gerais, por uma questão de racionalidade econômica e por falta de outros incentivos para a nossa região. E as indústrias de ponta, cujos custos de logística não são muito definitivos com relação a sua localização, concentram-se mais ao norte, pela grande quantidade de incentivos existentes. É preciso, realmente, raciocinar sobre estes fatos e entender a dificuldade do momento; não há nenhum pessimismo nisso. Nós podemos progredir em vários setores: o turismo, a irrigação, os complexos agroindustriais etc, mas isso seguramente não é suficiente.

A política de longo prazo de recursos hídricos e os programas de irrigação estão praticamente paralisados em virtude das dificuldades do Governo Federal. Portanto, eu creio que a mobilização política é uma das coisas mais importantes que precisamos fazer para criarmos, efetivamente, uma nova situação na Região. Saliento que a conjunção é desfavorável, pois numa política de abertura desse tipo, quando seria necessário um poder central um pouco mais

forte para ser o moderador do desenvolvimento, a crise fiscal não nos deixa ser beneficiados dessa forma.

De modo que são essas as constatações que eu faço, de dificuldades, mas não de pessimismo. Penso que a Região tem todas as possibilidades, está organizando o setor público e captando, com seus próprios esforços, muitos investimentos para a Região. Nesse momento estamos atravessando essa situação, mas creio que é possível uma nova atitude, principalmente na política industrial, para que possamos crescer daqui para a frente.

Com a palavra, para encerrar essa sessão, o governador Tasso Jereissati.

Tasso Jereissati

Eu queria primeiramente dizer da honra do Estado do Ceará em poder sediar este encontro, pela circunstância de aqui ser a sede do Banco do Nordeste. Agradecer a presença dos senhores governadores dos estados irmãos do Nordeste brasileiro, dos senhores senadores que vieram prestigiar esse encontro, prestigiar a nossa região e dar um especial brilho, uma especial importância a esse evento. Agradeço as palavras generosas, amigas e fraternas dos senadores Hugo Napoleão e Elcio Álvares, falando em nome dos senadores, entendendo claramente que as palavras dirigidas ao Ceará e ao seu Governador são simbolicamente dirigidas a todos os governadores do Nordeste, pelo esforço que temos feito neste momento importante da história brasileira.

Penso que aqui já foi dito o bastante e o governador da Bahia, Paulo Souto, foi muito feliz ao resumir as opiniões emitidas durante esse encontro. Concordando com suas palavras, gostaria de dar um pequeno toque de otimismo às suas colocações.

Creio que o choque da modernidade, que encontrou o Brasil atrasado, não acompanhando a mudança que já vinha acontecendo no resto do mundo desenvolvido, deveria teoricamente levar o Nordeste a uma situação privilegiada. A abertura da economia, a tão famosa e tão falada globalização da economia, daria ao Nordeste, dentro dos fatores racionais colocados pelo governador Paulo Souto, uma situação privilegiada, pois a Região se encontra equidistante dos mercados mais ricos, mais prósperos e maiores do mundo globalizado: Estados Unidos e Europa. No entanto, por uma questão de circunstância histórica, o País se integrou primeiramente numa política de ligação comercial com os países do MERCOSUL, uma vez que a concentração

industrial que já existia provocou um deslocamento natural, dentro de uma visão global, para uma política de integração com o MERCOSUL, prioritária e inevitável, reconheço.

Parece-me que o que nos resta como um grande desafio, neste momento, é saber como ultrapassar esta dificuldade, visto que o Nordeste ficou imprensado entre a política industrial do MERCOSUL - pois uma política de redução ou eliminação aduaneira é uma política industrial - e uma política de redução de impostos fiscais no norte do país, não sobrando para o resto do País nenhum tipo de direcionamento relacionado com uma política de investimento. Naturalmente o Nordeste, como região mais pobre e mais frágil economicamente, acaba sendo a mais prejudicada.

Penso que o grande desafio desse encontro, no momento, é que possamos sair daqui com a convicção que precisamos encontrar um modelo em que o Nordeste não fique marginalizado dessa economia global por causa da política do MERCOSUL; que possamos criar uma política qualquer - vou dar um nome teórico, apenas como desafio, seria um Merconor - para integração da Região com as regiões do hemisfério norte do País, com o norte da América Latina e com os países do hemisfério norte, de forma que os investimentos que tenham condições naturais de maior proximidade de exportação para essas regiões ou delas importar componentes tenham aqui no Nordeste seu desagudouro natural. A meu ver, este é o nosso grande desafio.

Nós fomos apanhados de surpresa e não fomos ainda capazes, ainda, de formular esta política industrial, e nem o Governo Federal, infelizmente. Penso que essa tarefa cabe a nós, nordestinos, e em particular ao Banco do Nordeste que, sem dúvida nenhuma, é a grande cabeça pensante, o grande centro de inteligência que congrega o pensamento dos estados do Nordeste, e é capaz, o suficiente, de começar a estudar em profundidade, junto com os governadores dos estados, os ministros da área econômica, os presidentes de bancos de desenvolvimento econômico nacionais, uma política que dê esta visão nacional da política industrial. Quero repetir isso: não queremos uma política regional de política industrial, mas uma política nacional, na qual a visão da desconcentração industrial seja absolutamente prioritária. Como foi dito neste Fórum, não há exemplo de países que alcançaram nível adequado de desenvolvimento com grandes desigualdades. A própria Europa, ao se integrar, preocupa-se com os países de menor renda; o mesmo ocorre nos Estados Unidos, em relação ao sul do País. Portanto, a política de desenvolvimento industrial que contempla o Nordeste tem que ser necessariamente uma visão

nacional de política de desconcentração industrial e política de desenvolvimento social.

Queria portanto, ao fim deste encontro, deixar esse desafio, ao mesmo tempo em que ratifico todos os elogios feitos ao BNB. Se o BNB teve ao longo da história um papel importantíssimo no desenvolvimento do Nordeste, como foi aqui declarado, penso que o terá mais ainda daqui para a frente, não só pela modernização e agilização que tem hoje, mas porque este movimento de abertura, de globalização e de estabilidade da moeda pegou o Nordeste na base do sistema financeiro. Todos os bancos privados que tinham sede no Nordeste brasileiro desapareceram nos últimos dois ou três anos. Não existe mais nenhum banco privado de porte com sede na região Nordeste e há 10 anos atrás nós tínhamos mais de 10 bancos que figuravam no *ranking* dos maiores bancos brasileiros. O Banco do Nordeste, portanto, passa a ter um papel a mais, pois vai ser o único grande banco comercial e de desenvolvimento com sede no Nordeste, capaz de compreender e atuar na Região com abrangência e entendendo a sua realidade. Então, encerrando este evento, mais uma vez agradeço a presença dos senhores governadores, senadores e deputados federais, deixando aqui esses dois desafios: a proposta, que deve ser uma proposta conjunta, do novo modelo para o Nordeste integrado no modelo de desenvolvimento industrial, e o desafio desse novo papel que o Banco do Nordeste tem como agente financeiro da região Nordeste. Muito obrigado a todos.